

---

## SEÇÃO 3

# UM ENSAIO DE CONCLUSÃO



# EXTENSÃO, INTENSÃO, A PSICANÁLISE E O SINTOMA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Alexandre Simões  
Gesianne Gonçalves*

O conjunto de argumentos reunidos neste livro, ao materializar inquietudes e perspectivas distintas, pode nos autorizar a afirmar que no cenário contemporâneo (onde a Ciência, o Capital e o Espetáculo midiático e virtual são síncronos) somos tensionados por um vetor constante: a malograda, mas ainda assim persistente, expectativa de intervenção, contorno e desvencilhamento do mal-estar.

Este vetor, tal qual um imperativo categórico - portanto, mandamento superegóico que não se flexibiliza - está plasmado em um difundido espectro que vai desde a medicalização ampla e irrestrita (engolfando, em boa medida, crianças) até a catalogação do corolário deste mal-estar, ou seja, a superfície cintilante do sintoma, o recorrente olhar de Medusa que o sintoma impõe ao laço social. Nesta atração e petrificação do olhar temos aqui aquilo que, do sintoma, é passível de ser esquadrinhado, ordenado, categorizado e, portanto, transmutado, tal qual um objeto de consumo, em traço identificatório e atributo fálico: “tenho TAB, sou bipolar, tenho depressão, tenho TAG, sou autista, tenho um filho TDAH, sofro de TEPT, etc.” são reverberações rotineiramente imiscuídas em meio ao laço social.

Nestas circunstâncias, é imprescindível que os psicanalistas - recebedores destes sujeitos e seus *gadgets* cada vez mais criativos e versáteis - estejam atentos à constante retomada dos **princípios da Psicanálise**. Quanto mais a demanda de intervenção e a demanda de interpretação se impõem a muitos de nós, sobretudo os analistas que lidam com os desafios da clínica peripatética (no hospital, na escola, no manicômio, na rua, no presídio, no PSF, na delegacia, no serviço-escola, etc.), mais devemos estar advertidos quanto aos possíveis e inusitados vínculos da técnica, da prescrição, da sentença e da cura com o gozo:

(...) o objeto *a*, tal como o escrevo, é, por sua vez, o trilho por onde chega ao mais-degozar aquilo de que se habita, ou em que se abriga, a demanda de interpretar.

(LACAN, 1973a [2003], p. 505)

O sintoma descrito no catálogo (CID-10, DSM-5, quem puder ver: DSM-n), o sintoma sob os *spots* da mídia, o sintoma nos *frequently asked questions (FAQ)* do Google: não seriam o habitat, o abrigo, o hábito, subtendidos, acima, na provocação de Lacan?

Pois bem, a Psicanálise e seus princípios. Um ponto nevrálgico nesta questão nos é ressaltado por Jacques Lacan, em um importante momento de seu percurso: 1964, fundação da Escola, enfim, marco-zero deste coletivo de analistas enxameados, desta vez (até onde for possível), a partir do que se colhe em uma análise, a partir das consequências que se extrai de um percurso analítico. Nesta situação, ao abordar o ensino da Psicanálise, Lacan frisarà que este ensino “(...) só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.” (LACAN, 1964 [2003], p. 242).

Transferência de trabalho: isto que nos leva a considerar a especificidade de cada caso, o sujeito no discurso, a opacidade que lhe habita. Por conseguinte, isto que se constrói a partir de cada caso (na contramão, portanto, de se propor um ato clínico *prêt-à-porter*, de se delinear uma sindromização do desassossego). Notemos que Lacan é bem contundente, indicando que atos e tentativas de formação que desconsiderem esta via “(...) não fundarão nada, se não remeterem a essa transferência” (LACAN, 1964 [2003], p. 242).

Pouco tempo após a demarcação da importância da transferência de trabalho para pensarmos o status da clínica em nossa atualidade, encontramos uma dupla distinção proposta por Lacan. Estamos agora em 1967, no texto *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* que nos oferece um manancial que pode nos auxiliar a manter uma sensibilidade e uma atenção para com os princípios da Psicanálise, acima aludidos. Especialmente, uma fonte que

nos permite apontar para algo relativo ao posicionamento da Psicanálise face a outras práticas ou campos de conhecimentos que, porventura, tenham princípios bem outros.

No mencionado texto de 1967, presenciamos Lacan argumentando acerca de duas dimensões constitutivas da Psicanálise: a **psicanálise em extensão** (a presença da Psicanálise no mundo, a coletividade dos psicanalistas, os imprescindíveis prolongamentos da Psicanálise na *polis*) que haveria de estar fundamentada na **psicanálise em intensão** (a dimensão dos operadores da clínica, os impasses e efeitos de uma análise, efeitos que comportam a transitoriedade da qual Freud nos lembra, a inexorabilidade do Real a qual Lacan salienta):

... constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que nela figura a finitude, para permitir o *a posteriori*, efeito de tempo que, como sabemos, lhe é radical.

Essa experiência é essencial para isolá-la da terapêutica, que não distorce a psicanálise somente por relaxar seu rigor.

(LACAN, 1967 [2003], p. 251)

Em suma, os diálogos e, inclusive, os embates da Psicanálise com as tendências atuais da Psicopatologia e, daí, com as práticas presentes nos territórios da Saúde Mental podem fazer fronteira com um dos vértices onde a psicanálise em extensão se encontra com a psicanálise em intensão, tal qual as abas da dobradiça. É por conta desta fronteira que devemos estar atentos, dispostos e disponíveis às interlocuções (independente de consensos ou de suspensão das controvérsias) da Psicanálise com outros saberes, inclusive, aqueles que podem lhe parecer díspares.

Compreendemos que este é o norte, à medida em que se considera a fundamentação da extensão pela intensão que, quando não discernido, quando não praticado poderá, desditosamente, colocar o psicanalista à deriva, na Contemporaneidade, e, assim, enclausurá-lo “... a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma.” (LACAN, 1970b [2003], p. 310)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp. 248-264.

LACAN, Jacques (1973a). Posfácio ao Seminário 11. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp. 503-507.

LACAN, Jacques (1970b). Alocução sobre o ensino. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp. 302-310.

LACAN, Jacques (1973b). Ato de fundação. In: \_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. pp. 235-247.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Alexandre Simões:** Psicanalista. Graduado em Psicologia pela UFMG, com Mestrado e Doutorado por esta mesma Universidade, na linha de pesquisa Filosofia e Teoria Psicanalítica. Professor universitário (UNA e UEMG). Fundador do Canal Alexandre Simões Psicanalista:

<https://www.youtube.com/c/AlexandreSimoosPsicanalista>

E-mail: alexandresimoos@terra.com.br

### **Gesianni Amaral Gonçalves:**

Psicanalista, doutoranda em Estudos Psicanalíticos (UFMG), Mestre em Psicologia, Especialista em Arte e Educação. Professora universitária (UNA e UEMG).

E-mail: gesianni@terra.com.br